



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JANAINA ALVES DO NASCIMENTO

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:
UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA**

CAJAZEIRAS - PB

2007

JANAINA ALVES DO NASCIMENTO

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:
UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2007



N244a Nascimento, Janaina Alves.
Avaliação da aprendizagem: uma perspectiva construtiva /
Janaina Alves do Nascimento. - Cajazeiras, 2007.
52f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Ação avaliativa. 3.
Avaliação construtiva. 4. Socialização do conhecimento. I.
Lima, Maria Janete. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

A avaliação da aprendizagem deve ter sempre uma finalidade exclusivamente diagnóstica, ou seja, ela se volta para o levantamento das dificuldades dos discentes, com vistas à correção de rumos, à reformulação de procedimentos didático-pedagógicos, ou até mesmo, de objetivos e metas. (Romão, pg. 62, 2003)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela condição de me acompanhar em todos os momentos desta caminhada e formação estudantil, também agradecer todos aqueles que me deram força e coragem para que não desistisse e fosse até o fim.

Ao meu esposo Ricardo, pelo companheirismo, compreensão, por acreditar que chegaria ao fim.

Minha mãe Maria de Lourdes por me apoiar em todos os momentos e força para vencer.

Meus irmãos Jocerildo, Joserlan, Josemberg, Jailton, Ana Cláudia, Jaqueline, pelo apoio que tem me concedido.

Minhas cunhadas Selda, Cristiana e Maraiza, entre outros, pelas orientações e considerações.

Preciso agradecer ainda aos meus professores do CFP, Janete, Dionísio, Rômulo, Raimunda, Ana Luisa, Lis, Belijane, Amiraldo, entre outros, pela forte contribuição e realização acadêmica deste trabalho e formação pessoal e intelectual.

A coordenação Gerlaine e Joana pela paciência, pontualidade e compromisso.

Aos colegas de turma pelas trocas de experiências, construção e socialização do conhecimento.

LISTA DE SIGLAS

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

RESUMO

Analisando a avaliação da aprendizagem da quarta série inicial do ensino fundamental I, pudemos observar através de investigação a necessidade que os professores têm de melhorarem a ação avaliativa de seus alunos de acordo com a realidade social deles. O objetivo deste trabalho é para tentar despertar os protagonistas do sistema educacional a repensarem as práticas profissionais ou intervir sobre a forma de organização da ação avaliativa, visando o aperfeiçoamento, com o intuito de buscarem a construção de laços de segurança entre os alunos e a equipe multidisciplinar. Para melhores esclarecimentos e compreensão acerca do tema, apresentaremos conceitos e idéias de alguns especialistas na área, como também mitos que existem na prática que muitas vezes dificultam a ação. Contudo, com o fim de trabalhar no sentido de uma avaliação não extremamente tradicional, mas segundo uma avaliação construtivista, somatória e contínua, que desenvolvam a participação, a socialização e o conhecimento em que ambas as partes estão inseridos no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: avaliação, aprendizagem, construção, reflexão, socialização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	12
REFERENCIAL TEORICO.....	12
1.1 HISTORICO DA AVALIAÇÃO.....	12
1.2 CONCEITOS DE AVALIAÇÃO.....	15
1.3 CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO.....	19
1.4 AVALIAÇÃO E IDEOLOGIA.....	22
1.5 AVALIAÇÃO E PRATICA PEDAGOGICA.....	23
1.6 MITOS E RESPOSTAS NA PROMOÇÃO ESCOLAR.....	29
CAPITULO II.....	35
PERCURSO METODOLOGICO.....	35
TIPO DE ESTUDO.....	35
LOCAL DE ESTUDO.....	36
POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	36
INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	36
COLETA DE DADOS.....	36
2.2ANALISE DOS QUESTIONARIOS.....	37
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	37
2.3 ANALISE DO ESTAGIO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERENCIAS.....	46
ANEXOS.....	48
ANEXO A- PLANO DE AULA	
ANEXO B- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	
ANEXO C- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por tema a avaliação da aprendizagem da quarta série inicial do ensino fundamental I, pudemos observar através da investigação a necessidade que os professores têm de melhorarem a ação avaliativa de seus alunos de acordo com a realidade social deles.

O seu papel como protagonista do sistema educacional tem impacto direto na melhoria da relação entre ela e a prática.

O objetivo desse estudo é de que os professores possam repensar as práticas profissionais ou intervir sobre a forma de organização da ação avaliativa, visando seu aperfeiçoamento.

Confirma-se a necessidade de uma ação que busque a construção de laços de segurança entre os alunos e a equipe multidisciplinar.

A importância de trabalhar é para compreender o tema segundo as idéias de alguns especialistas na área da avaliação, em que veremos adiante, para que os professores possam ter uma nova visão e reflexão sobre como avaliar o desempenho dos alunos, para que alcancem o objetivo principal da educação que é a aprendizagem, nos sentidos intelectual, afetivo e social.

Também apresentaremos alguns mitos que são vivenciados e estão presentes no dia-a-dia da prática constantemente, e por muitas vezes vem atrapalhando a ação avaliativa, inclusive traremos algumas orientações para que os professores possam ter um trabalho com mais eficácia.

Como preocupações significantes, a partir de perspectivas éticas, expressando o interesse por saber a serviço de quem a avaliação está, quais fins persegue e quais usos estão feitos da informação e dos resultados da avaliação, ou seja, o que avaliar, quando avaliar e como avaliar.

Contudo, com o fim de trabalhar no sentido de uma avaliação não extremamente tradicional, mas, sobretudo, segundo uma avaliação construtivista, somatória e contínua, conhecendo para comprovar o que faz com que certos processos ocorram com garantia de qualidade, ou seja, no sentido da participação e socialização do conhecimento em que ambas as partes estão inseridos no processo de ensino aprendizagem.

O presente estudo visa apresentar correntes de avaliação usadas historicamente pelos professores e categorizar as que melhor proporcionam a aprendizagem dos conteúdos, bem como identificar no cotidiano da sala de aula à prática pedagógica do educador no tocante as suas escolhas de formas de avaliação, observar os alunos durante a realização das avaliações, identificar quais os tipos de avaliações que os alunos tem mais dificuldades e analisar o nível de aprendizagem dos alunos a partir das avaliações.

Portanto, para finalizarmos esse trabalho, trabalharemos da seguinte forma, será executado e realizado com os alunos. Utilizaremos na sala de aula como recursos metodológicos e práticos, embalagens de produtos reciclados, para que na medida em que o assunto for lecionado, faremos com que esse material proporcione o desenvolvimento do ensino aprendizagem que tanto almejamos.

Portanto, nossa perspectiva é que esse trabalho venha ser desenvolvido da maneira simples e voluntária, jamais queremos constranger alguém, principalmente quando se trata do docente, e nem tampouco mostrar que o certo é essa maneira, queremos sim, contribuir para que, a partir deste, desenvolvam outras formas de avaliar, quando esta é feita de acordo com a realidade dos alunos.

Oferecemos também pequenas orientações dentro do assunto que foi estudado e pesquisado ao longo do tempo, para melhor desempenhar a prática avaliativa.

O presente trabalho será realizado na Escola Estadual Professor Virgílio Pinto. As atividades que serão realizadas na escola, efetivar-se-ão na quarta série do ensino fundamental I, na respectiva disciplina de matemática.

A importância de trabalhar com matemática se deu origem devido à necessidade que os alunos tinham de conhecer outras formas de avaliar e da curiosidade dos alunos adquirirem novas experiências de aprendizagem a partir do abstrato ao material concreto.

Usaremos como problemática: Como a avaliação pode se constituir num instrumento de trabalho do educador e contribuir no processo de aprendizagem dos alunos?

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Histórico da avaliação

A temática Avaliação da aprendizagem tem suscitado grandes discussões por parte dos profissionais envolvidos em educação e comprometidos com a qualidade, participação e socialização do conhecimento do trabalho educativo.

Face à complexidade do processo avaliativo se faz necessário repensar a prática avaliativa no sentido de redimensionar este processo considerando a construção, experiência e individualidade dos alunos ajudando-os a prosseguir de acordo com seus ritmos e interesses.

Para compreender o processo avaliativo da aprendizagem, atualmente é necessário, fazer um apanhado histórico com o objetivo de rever os diferentes momentos da prática como forma de refletir sobre os procedimentos realizados hoje, utilizados para averiguar o desempenho dos alunos no tocante à aprendizagem.

Avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, hoje, está a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez, serve a um modelo social dominante, o qual, genericamente, pode ser identificado como um modelo social liberal conservador, nascido da estratificação dos empreendimentos transformadores que culminaram na Revolução Francesa.

No caso específico da avaliação da aprendizagem, a escola brasileira encontrou-se e ainda se encontra relacionada estritamente a ação avaliativa a uma prática de provas finais e atribuição de graus classificatórios (coerente a uma concepção sentenciva), ou seja, é um instrumento de exclusão e eliminação, uma vez que, a forma de como deve ser aplicada, quem determina é a classe dominante, uma vez, preocupada com seus interesses. Com relação ao processo de ensino aprendizagem, a nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma “pedagogia do exame”.

Segundo Luckesi

O mais visível e explícito exemplo dessa pedagogia está na prática de ensino do terceiro ano do 2º grau, em que todas as atividades docentes e

discentes estão voltadas para um treinamento de “resolver provas”, tendo em vista a preparação (1997, p.17).

Em outras palavras, o vestibular é à porta aberta para a universidade, o ensino centra-se no exercício de resolver provas a partir de determinados conteúdos que concernem à seleção no vestibular. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação / reprovação do total dos educandos.

Neste caso, as provas tornam-se um instrumento de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem, como um fator negativo de motivação. Este tipo de avaliação voltado para os aspectos quantitativo e classificatório valoriza os desempenhos universais.

Neste sentido, é para evitar os corporativismos provincianos, apenas pregando a validade hetero-avaliação e das verificações de avaliadores externos, que não estão preocupados com o desempenho e com o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Por volta de 1928, encontra-se um enfoque do contexto histórico no processo avaliativo denominado abordagem quantitativa e qualitativa, os quais demonstram a necessidade de uma transformação social.

Vejamos as diferentes abordagens quantitativa e qualitativa, a primeira com fundamentação, tendo por objetivo as mudanças comportamentais observáveis e mensuráveis, que tem como meta a tomada de decisão e a segunda abordagem que é a qualitativa, em contrapartida, questiona a limitação dos testes padronizados para avaliar o que o professor ensina e o que o aluno aprende.

No entanto, quando se trabalha sob a perspectiva de uma avaliação qualitativa / quantitativa, possibilita a aplicação dos resultados dos procedimentos avaliativos, uma vez que a avaliação quantitativa pode contribuir para identificar os acertos e erros e a avaliação qualitativa para compreender as causas dos erros.

Segundo Luckesi

[...] uma avaliação escolar realizada com desafios pode estar contribuindo significativamente para um processo que inviabiliza a democratização do ensino (1997, pg. 66).

Portanto, o docente precisa estar consciente do poder da avaliação tanto dentro do contexto escolar quanto dentro da própria sociedade. Se o professor trabalhar na perspectiva de elaborar

testes inadequados, provas de difícil compreensão, essa prática intimida o aluno e contribui para o seu fracasso escolar, agindo de forma totalmente antidemocrática.

O sistema educacional brasileiro vem sofrendo profundas transformações, o que ocasiona e exige mudança formal e política por parte daqueles que estão envolvidos na ação educativa.

Para a prática da avaliação nas pedagogias preocupadas com a transformação, deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando, pois o novo modelo social exige participação democrática de todos. Isso significa igualdade, fato que não se dá, caso não se conquiste a autonomia e a reciprocidade de relações.

1.2 Conceitos de avaliações

Segundo Hoffmann “ avaliar na perspectiva construtivista ”, para assim conscientizá-los para que tomem uma outra atitude diante daquilo que está sendo posto e outros comportamentos, bem como ousadia, domínio, capacidade, que conduza - os a uma posição social e de liberdade de decisão.

A autora ainda afirma que,

O sentido fundamental da ação avaliativa é o movimento, é a transformação (1995, p. 110).

A avaliação da aprendizagem deve estimular o aluno para a socialização e para o diálogo, com a ajuda do professor e do grupo, para assim construir seus próprios pontos de vistas, no sentido crítico, de ir além do desenvolvimento cognitivo e capacidade de resolver problemas.

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento de qualidade de objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo (Luckesi, 1978,p.33).

Segundo a idéia do autor, a avaliação deve conduzir ao educando para uma tomada de decisão, ou seja, para a democratização da sociedade, um aluno preparado para atuar com segurança na tomada de decisões, por lutar por seus direitos e que questione aquilo que está sendo imposto pela classe dominante, tendo consciência de sua escolha, pensando também no bem estar e interesses dos outros.

Mediante os dois tipos de avaliações apresentados tem professores que preferem trabalhar na perspectiva construtivista, esse conseqüentemente está preparando o aluno para o processo de

socialização, comunicação, diálogo, enfim. Existem outros que privilegiam o modelo tradicional, que só aplicam provas, usa o método da memorização ao invés da compreensão do conteúdo, causando assim muitas vezes medo, exclusão e insegurança ao aluno.

Segundo Luckesi,

A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica, ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento democrática da vida social (1997, p. 46). político e decisório a favor da competência de todos para a participação

As palavras do autor apontam em direção para trabalharmos avaliando o desenvolvimento do aluno, a capacidade de raciocinar e refletir sobre os conteúdos ensinados, realmente possam aprender e apreender, não fazendo com que eles venham somente decorar sem fazer nenhuma reflexão.

Existem outros professores que usam essas duas formas de avaliações, mas muitas vezes, sem ter um controle, um acompanhamento, um diagnóstico quanto ao nível de aprendizagem do aluno, por não saber qual o tipo de avaliação adequada para o tipo de aluno que está sendo avaliado.

O conceito de avaliação segundo Romão

A avaliação da aprendizagem é o processo docente que atribui símbolos a fenômenos, a fim de lhes caracterizar o valor, por comparação com padrões prefixados (2003, pg.80).

Propomos que os professores reflitam mais sobre a sua avaliação, se desligar mais da forte influência da cultura e da velha maneira de avaliar. Sabemos que tanto os aspectos qualitativos quanto quantitativos são essenciais no processo avaliativo, mas priorizemos os aspectos qualitativos, uma vez que, conduzir-se-ão ao desenvolvimento das potencialidades, habilidades, novos comportamentos e competências.

A avaliação implica desiderabilidade, sendo, portanto, subjetiva, porque referenciada em valores de determinada época, sociedade ou classe social. Os padrões desejáveis são construídos a partir de interesses, aspirações, projeções e ideais de grupos socialmente definidos.

Segundo Demo “ a avaliação deve ser no sentido de qualidade ”, ou seja, no sentido de participação, acompanhamento, observação, em que o professor vê todas essas características no objeto que está sendo avaliado, em que ele participa, discute em conjunto, dialoga, interage com o meio e com o grupo.

É necessário que cada docente reflita sobre sua ação avaliativa, pois nem sempre as provas expressam o pensamento construído pelo o aluno, por muitas vezes a tensão, o nervosismo e o medo não permitirem que o aluno expresse verdadeiramente sua compreensão sobre o assunto aplicado, e por levá-lo muitas vezes a uma outra tensão, que é a reposição.

Os dispositivos sobre avaliação na nova LDB lei nº 9394/94 determinam que “os alunos sejam avaliados levando-se em consideração seu desempenho ao longo do processo e não apenas os resultados eventuais com provas finais ou bimestres devendo esse processo ser contínuo e cumulativo”.

Sob esta ótica, entende-se que a avaliação vai mais além do que a simples medida para obtenção escolar precisando de mudanças emergentes. A superação dessa prática autoritária depende em grande parte, como já se afirmou da conscientização do professor.

A ação avaliativa só ganha a qualidade que é tanto almejada por todos os professores comprometidos com um processo de mudanças comportamentais e cognitivas, quando o conteúdo está relacionado com a realidade dos alunos e com as próprias condições e domínio por parte dos professores.

Para Lima citado por Saul

A avaliação, em seu sentido amplo, apresenta-se como atividade associada à experiência cotidiana do ser humano(1994, p. 25).

Sua principal característica é a compreensão do processo de cognição, quando o aluno constroe um maior número de verdades, possibilidades, soluções, numa perspectiva de formulação e reformulação das hipóteses, passando a questionar tudo que está a sua volta como objeto de reflexão.

Para Demo

A avaliação é uma questão política e ideológica, como um critério de representatividade, de legitimidade, de participação de base do planejamento participativo, de convivência, de identidade socialista e participativa (1998, p. 18).

O autor deixa bem claro que a avaliação também deva desenvolver a capacidade de pensar, questionar, conduzir o aluno mais para o campo de fazer política, de reivindicar e lutar por seus direitos, de tomar por si mesmo novas atitudes.

Propomos que a avaliação seja praticada como uma contribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, tendo por base seus aspectos essenciais e como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e seu desenvolvimento.

A avaliação deve ter o objetivo de desenvolver no aluno o ponto de vista crítico, ele tem que ter autonomia, liberdade para tomar decisões, e estar preparado também, para vencer seus próprios erros e ter a segurança de transformá-lo em acertos, em novas possibilidades.

A postura do professor frente às alternativas de solução construída pelo o aluno, conseqüentemente, deverá estar comprometida com a concepção de “ erro construtivo ”. O que significa que o conhecimento produzido em um dado momento de sua experiência de vida, sempre possa estar em um processo de superação, ou seja, o seu conhecimento se aprimore através de novos desafios postos pelas circunstâncias, pela realidade educacional e social.

Devemos pensar sobre essa questão do erro, para que a avaliação não venha continuar sendo predominantemente um instrumento de seleção, discriminação, fracasso, meritocracia e exclusão. Nesta perspectiva a verificação da aprendizagem para a se transformar em exposição de “ quem não sabe ” e uma forma até de punição.

Segundo Romão citado por Luckesi

A partir do erro, na prática escolar, desenvolve-se e reforça-se no educando uma compreensão culposa da vida, pois, além de ser castigo por outros, muitas vezes ele sofre ainda a autopunição. Ao ser reiteradamente lembrado da culpa, o educando não apenas sofre os castigos impostos de fora, mas também aprende mecanismos de autopunição, por supostos erros que atribui a si mesmo (op. cit.: 51).

Quando o professor trabalha bem esse lado, o aluno não tem insegurança para resolver os seus problemas, usará sua autonomia, criatividade e domínio para enfrentar qualquer barreira que surgir e se levantar para tentar atrapalhar o crescimento individual, intelectual e afetivo.

Portanto, nosso objetivo é tentar convencer aqueles comprometidos com novas maneiras de trabalhar e por mudanças na aplicação da avaliação de mudanças, para avaliarem numa perspectiva progressista, construtivista, libertadora, pensando assim em dar uma melhor aprendizagem aos alunos.

Avaliar de forma contínua, uma avaliação formativa para ensinar melhor, desde a análise diária dos alunos é que surgem maneiras de fazer com que todos aprendam, passando assim segurança, ousadia, sem fazer exclusão, discriminação ou qualquer outro tipo.

O modelo da avaliação formativa, segundo uma entrevista da revista nova escola dada por Hoffmann, é vista como o melhor caminho para garantir a evolução de todos os alunos, uma espécie de passo à frente em relação à avaliação conhecida como somatória.

O professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria com os alunos, prepara todos para que elaborem seu conhecimento, ele pauta seu trabalho no jeito de fazer com que as crianças desenvolvam formas de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia.

A avaliação formativa não tem como pressuposto a punição ou premiação. Ela prevê que os estudantes possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes.

Para que essa conscientização venha proporcionar uma nova postura diante daquilo que está sendo posto na sala de aula, usaremos alguns recursos metodológicos oferecidos por autores mestres nessa área. Uma vez que, tem como base a experiência, e o compromisso de também transmitir aquilo que foi posto em prática e que teve resultado satisfatório, aqueles que são comprometidos com uma avaliação de mais acompanhamento ao ritmo do desenvolvimento intelectual dos educandos para a democratização da sociedade.

1.3 Concepções de avaliação

A avaliação escolar precisa ser precedida por uma reflexão observando o contexto extra-escolar e escolar. A escola não deve se limitar a um conjunto de salas de aula em que o saber acumulado, é repassado de forma inquestionável, acrítica e passiva. Constitui-se um espaço de pesquisa, observações e experimentações onde se descobrem, inventam, constroem conhecimentos coletivos, a partir dos avanços já alcançados pela humanidade.

A prova como um instrumento de avaliação do processo pedagógico como um todo, pode ser realizada por vários tipos: classificatória, libertadora, dialógica, mediadora e diagnóstica, vista assim, como um julgamento da aprendizagem individual do aluno. O professor tem o papel fundamental de mediar, orientar, acompanhar e organizar atividades adequadas aos interesses e possibilidades do grupo.

Segundo Luckesi

A prática da avaliação classificatória é anti-democrática, uma vez que não encaminha uma tomada de decisão para o avanço, para o crescimento (1997, p. 77).

O modelo liberal conservador produziu três pedagogias, todas elas com um mesmo objetivo: conservar a sociedade na sua configuração sendo elas a pedagogia tradicional, a pedagogia renovada ou escolanovista: em seguida contrapondo-se a essas pedagogias surgiram outras voltadas para a perspectiva e possibilidade de transformação social.

A prática da avaliação deve estar além de uma educação conservadora, reprodutora e autoritária. É indispensável, pois, que a avaliação escolar esteja no exercício de uma pedagogia que compreenda a educação como mecanismo de transformação social.

Por meio de sua administração, o estabelecimento de ensino, deseja verificar no todo das notas como estão os alunos, somente se preocupam com o processo de promoção, não com a aprendizagem dos alunos, na mudança de pensamento, de transformar cidadãos reflexivos, independentes para tomar qualquer decisão, etc.

O sistema se contenta com as notas obtidas nos exames, com a fama que a escola pode alcançar através dos bons alunos. Dizemos “aparentemente”, devido ao fato de que, se uma instituição escolar inicia um trabalho efetivamente significativo do ponto de vista de um ensino e de uma correspondente aprendizagem significativa, social e politicamente, esse sistema é mais visado e cobrado pela sociedade, quanto mais ela tem fama, maior o número de alunos, como por exemplo, escolas particulares, cursinhos, etc.

Os professores elaboram as provas para “provar” os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem; por vezes, ou até em muitos casos, elaboram provas para “reprovar” seus alunos. Uma das coisas que usam para estimular o aluno é a promessa de dar mais ou menos pontos, muitas vezes ameaçam causando assim medo aos alunos para que estudem mais para tirar notas boas.

Portanto, esse tipo de avaliação educacional escolar está a serviço de um entendimento teórico conservador da sociedade e da educação, em que visa somente à constatação exata das dimensões do desenvolvimento do aluno, desde as mudanças de comportamentais, a partir de testes padronizados.

O outro tipo de avaliação da aprendizagem supõe-se que deva ser na perspectiva construtiva, em que venha estar comprometida com a transformação; ao estabelecimento da autonomia do educando, ao ponto que o conduza a participação ativa e democrática; ao crescimento intelectual e

crítico perante a sociedade. A avaliação diagnóstica serve para alertar o aluno sobre mudanças de rumo e de estratégias, no decorrer do próprio processo de aprendizagem.

A avaliação deve conduzir a uma tomada de decisão com relação ao objeto avaliado e ao processo de aprendizagem, servindo para pensar a prática e retomar a ela fazendo um diagnóstico. Se pensarmos sobre essa outra forma de avaliar, estamos buscando a validade e a eficiência, acompanhando assim o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e comprometido com a mudança de comportamento, para a socialização do conhecimento a partir do envolvimento, da comunicação e o diálogo, enfim com as relações pessoais, intelectuais, profissionais e sociais.

A avaliação libertadora é um processo de descoberta coletiva, mediatizada pelo diálogo entre educador e educando, o conhecimento não é uma estrutura estática. Nela a educação deixa de ser um processo de cobrança e passa a se transformar em um momento de aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor, mormente para este, se estiver atento aos processos e aos mecanismos de conhecimento ativados pelo aluno, mesmo no caso de erros, no sentido de rever e refazer seus procedimentos de educador.

A educação e avaliação positivistas enfatizam permanência, a estrutura, o estático, o existente e o produto; as construtivistas reforçam a mudança, a mutação, a dinâmica, o desejado e o processo. Entretanto, devemos levar em consideração os dois pólos, pois não há mudança sem a consciência da permanência; não há processo de estruturação- desestruturação- reestruturação sem domínio teórico das estruturas; não há percepção da dinâmica sem consciência crítica da estática, etc.

1.4 Avaliação e Ideologia

Tudo leva a crer que, além das dificuldades resultantes da má formação, os problemas da avaliação da aprendizagem resultam também do tráfico ideológico das elites, que têm conseguido certos consensos mitológicos, favoráveis, evidentemente, à manutenção do status quo individualista, meritocrático, discriminatório e injusto.

1º Escola boa é aquela que exige e “puxa” pela disciplina.

Bem sabemos que a escola exige da disciplina, mas o importante é a capacidade de ser comprovadora da leitura crítica das determinações naturais e sociais, de ser estimuladora da

criatividade e da independência reflexiva. Escola boa é aquela que trabalha para a superação da “curiosidade ingênua” pela “curiosidade epistemológica”.

2º Avaliar é muito fácil e qualquer um pode fazê-lo.

Avaliar não é simples. Exige o domínio de conhecimentos e técnicas, além de experiências em processos concretos de avaliação. Essa é uma das crenças mais perigosas entre os educadores.

3º O bom professor é aquele que reprova muito.

A expressão está carregada de uma conotação pedagogicamente negativa, pois evoca que o perdido é o aluno, esse precisa ser recuperado. Essa realidade é assim, devido à escola ter uma avaliação da aprendizagem voltada para um sistema de aprovação / reprovação, um dos seus instrumentos mais fortes, não só porque cria e fortalece consensos discriminatórios, mas por também processar um verdadeiro tráfico ideológico.

Todavia essa luta pela hegemonia, para conquista da direção política, pelos dominados, requer muita paciência quanto ao setor educacional para superação das possibilidades de uma transformação social.

1.5 Avaliação e prática pedagógica

A avaliação na prática escolar tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, possibilitando assim, sua utilização de forma construtiva. O educador precisa realizar e resgatar a função dialógica da avaliação, cujo instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e a identificação daqueles a serem percorridos.

O encaminhamento do processo avaliativo de ensino aqui apresentado, o qual se fundamenta numa aplicação diagnóstica do trabalho docente e da aprendizagem do aluno, não vem de forma alguma abolir a aplicação de provas como instrumento de verificação da aprendizagem. Apenas, enfatiza um outro caminho, no qual este método pode ser utilizado de forma a contribuir para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem, estabelecendo o que Luckesi, (1997: 96) denomina como:

[...] um padrão mínimo de conhecimento, habilidades e hábitos que o educando deverá adquirir, e não uma média mínima de notas, como ocorre na prática escolar.

Faz-se necessário esclarecer que este mínimo representa o limite mais baixo a ser admitido numa aprendizagem essencial, o qual irá orientar a prática docente no tocante a construção de um conhecimento significativo a partir da transmissão de conteúdos e desenvolvimento de habilidades e convicções do educando.

Outro meio de verificar a aquisição de conhecimento do aluno que é menos formal do que uma prova, embora de grande valor na compreensão e apreensão da real aprendizagem é a observação, a qual pode ser feita diariamente pelo docente, que irá detectar dificuldades apresentadas pelo educando sobre determinado conteúdo, servindo dessa forma, como orientador ao percurso da prática pedagógica escolar.

Sendo assim, a avaliação escolar é um componente indissociável do processo de ensino aprendizagem, a qual visa através de verificação a qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, posteriormente, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.

A avaliação deve assumir a sua diagnóstica a qual tem a finalidade de diagnosticar o nível de desenvolvimento e os fatores que estão impossibilitando o sucesso para agir sobre elas nas etapas seguintes.

A nota é consequência da avaliação, não a razão de sua existência. Como também, o erro encontrado na correção das provas, não será a condenação do aluno, mas sim, o ponto de processo para recomeçar. É importante que o aluno desenvolva e construa seu próprio conhecimento, para que seja bem sucedido no meio em que vive, faz-se necessário rever a prática avaliativa no contexto escolar de forma a torná-la um fator positivo de mudança no processo.

Cabe ao professor acompanhar os alunos no processo, percebendo as dificuldades, apoiando-os, orientando-os, estimulando-os a se desenvolverem individual e coletivamente. Logo, o professor necessita da auto-avaliação diante da sua prática, tomando-se capaz de observar, analisar e compreender o seu grau de desempenho, onde precisa melhorar e o que fazer para isto, dinamizando oportunidade de ação-reflexão, finalizando localizar dificuldades e necessidades do aluno, partindo da superação de barreiras.

A auto-avaliação é o acompanhamento do processo de construção de conhecimento, construindo para o aprimoramento do seu saber, manifestando assim, uma prática a partir da auto-crítica. Logo para mudar a forma de pensar e expressar é indispensável que se mude “ a intencionalidade ” à mudança de postura, de concepção e prática, sendo um processo contínuo de ação e reflexão, num fazer e refazer constante de conhecimentos.

Na prática escolar, as condutas dos alunos considerados como erros têm dado margem, tanto no passado como no presente, às mais variadas formas de castigo por parte do professor, desde as mais visíveis até as mais sutis. No passado, na prática escolar castigava-se fisicamente, bem como, através de palmatória, ficar de joelhos por sobre milhos, feijão, enfim, ficar por alguns minutos para tornar-se visível aos alunos e o próprio professor a sua fragilidade. Atualmente essas formas de castigar são raras, mas isso não quer dizer que essa forma de punição desapareceu nas escolas.

Hoje, a prática escolar da avaliação se dá pela preservação e criação do saber através do processo dialógico e cooperativo, do qual os educandos e educadores aprendem sobre si mesmo no ato próprio da avaliação, para que assim os alunos se desenvolvam intelectualmente ocorrendo mudanças comportamentais. A questão do erro também faz parte do processo de aprendizagem e podendo estar expresso em registros, respostas, argumentações feitas pelos alunos.

A avaliação leva em consideração as relações dinâmicas necessárias à construção do conhecimento e solidificando lacunas da aprendizagem. Nossa escola vem trabalhando para o desenvolvimento da área cognitiva dos alunos e com a hegemonia absoluta das provas como um instrumento de avaliação.

A avaliação educacional está sendo trabalhada para além do autoritarismo, no sentido de agir para se chegar ao avanço dos limites dentro dos quais se encontra demarcada hoje, imposta pela classe dominante.

No entanto, a avaliação educacional na nossa prática atual se encontra como uma tentativa de constatação exata das dimensões do desenvolvimento do aluno; desde a observação das mudanças comportamentais, a partir de testes padronizados; enfim, todo um conjunto de procedimentos, desde o mais simples que é a formulação das questões, até a forma mais complexa que é a análise dos resultados alcançados pelos avaliados.

Avaliação PCNs

A concepção de avaliação dos Parâmetros Curriculares Nacionais vai além da visão tradicional, uma vez que, focaliza o controle externo do aluno mediante notas e conceitos, para ser compreendida como parte integrante e diretamente ligada ao processo educacional.

A avaliação é compreendida como um conjunto de atuações que tem como funções, de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Ela não se limita somente ao ato de julgar os sucessos ou fracassos dos alunos. Segundo os PCNs, ela acontece de maneira contínua e sistematizada por meio de interpretação qualitativa do próprio conhecimento uma vez, construído pelo aluno.

A avaliação da aprendizagem acontecerá se relacionar com as oportunidades que são oferecidas, fazendo análise das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que terão que enfrentar. Ela oferece ao professor elementos para fazer reflexão contínua acerca da sua prática, sobre o manusear de novos instrumentos de trabalho.

Propõe-se ao professor que se faça logo no início do ano letivo, uma avaliação inicial para obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos. É importante que o professor faça uma avaliação contínua para comprovar até que ponto o aluno aprendeu o conteúdo.

Segundo os PCNs,

A avaliação deve considerar o desenvolvimento das capacidades dos alunos com relação à aprendizagem de conceitos, de procedimentos e de atitudes. A avaliação restringe-se à verificação da aquisição de conceitos pelos alunos, mediante questionários nos quais grande parte das questões exige definições de significados (1997, pg. 36).

A avaliação da aquisição dos conteúdos pode ser efetivamente realizada ao se solicitar ao aluno que interprete situações determinadas, cujo entendimento demanda os conceitos que estão sendo aprendidos, ou seja, que interprete uma história, uma figura, um texto, etc. Este tipo de avaliação não constitui uma atividade desvinculada do processo de ensino e aprendizagem, sendo, antes, mais um momento desse mesmo processo.

Segundo PCNs

A avaliação é compreendida como um elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a

orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; etc (1997, pg.83).

Em outras palavras, a avaliação abrange um todo, desde o processo de aprendizagem, a reflexão da prática até o instrumento a ser utilizado para acompanhar o desenvolvimento do aluno.

A avaliação deve ser na perspectiva democrática, como um instrumento utilizado para o desenvolvimento das atividades didáticas, uma vez, seja entendida como um momento de observação de um processo dinâmico de construção de conhecimento.

Portanto, quanto ao erro é um elemento que permite ao aluno entrar em contato com o seu próprio processo de aprendizagem, perceber que há diferenças entre o senso comum e os conceitos científicos e é necessário saber aplicar diferentes domínios de idéias em diferentes situações.

Compreendendo que a avaliação é um dos requisitos essenciais para o pleno desenvolvimento do ser humano é necessário, porém, que se tenha uma prática de avaliação constante dentro da sala de aula para se obter resultados benéficos e eficientes no processo de ensino-aprendizagem. É preciso, portanto, emergir naturalmente de forma dinâmica. Ela é subsídio para o educador entender como está se processando a construção de conhecimento no aluno.

Sendo a escola o reflexo social, os professores necessitam adotar modelos teóricos fundamentados não apenas em medidas classificatórias e excludentes, mas em práticas fundadas numa concepção política de avaliação, que conceba o aluno não apenas como um detentor de quantidades de conhecimentos, mas como um elemento ativo de sua própria avaliação.

Por fim, a ação é o principal elemento do sucesso do processo avaliativo, logo o professor precisa conscientizar-se do seu poder enquanto mediador buscando realizar uma prática capaz de desenvolver habilidades, construir novos conhecimentos e contribuir para o sucesso de seu aluno na vida escolar.

Durante o processo de ensino aprendizagem o professor é o mediador na interação dos alunos com os conhecimentos, bem como o processo de socialização entre os alunos favorece a aprendizagem. O professor deve intervir na criação de situações de aprendizagem, dar condições para que o aluno venha pensar e resolver problemas propostos.

Para cada tema e área do conhecimento corresponde um conjunto de orientações didáticas, em que indica qual é a concepção de ensino que deve ser trabalhada. A prática educativa é muito

complexa, pois o contexto de sala de aula traz questões de ordem afetiva, emocional, cognitiva, física e de relação pessoal.

Durante as aulas devem ocorrer além da interação e cooperação entre ambas as partes, também deve existir autonomia, uma diversidade de conteúdos, para que os alunos tenham a disponibilidade para construir seus conhecimentos e resolvem os problemas, uma vez, propostos e desafiadores.

O desenvolvimento da autonomia é papel do professor também, depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais. Se o professor não tiver autonomia para falar, desenvolver o seu trabalho e nem tampouco ter domínio em sala de aula, dessa forma compromete a função e a realização das atividades que foram planejadas.

Portanto, o professor deve proporcionar que o ambiente venha ser dinâmico para que os alunos venham se envolver, trabalhar em grupo, desenvolver outras atividades para assim, existir a troca de experiências que é fundamental no processo de ensino aprendizagem e para o crescimento intelectual, afetivo, etc.

Uma aula diversificada, planejada e dinâmica, o aluno passa a gostar de estudar, de ouvir o professor, torna-se um aluno crítico e ativo porque passa a fazer perguntas e a trocar as experiências com os colegas, além de estar crescendo intelectualmente para atuar na sociedade.

1.6 Mitos e respostas na promoção escolar

Os mitos sobre a avaliação foram desenvolvidos com base no que correspondem ao trabalho dos professores em suas caminhadas, conversas e durante a troca de idéias com outros educadores.

Esses mitos às vezes, prejudica o trabalho pedagógico e a avaliação da aprendizagem. O professor deve ter maturidade para saber separar o que de fato serve, é útil para uma boa prática avaliativa. Não deve ser levado pela cultura, apesar de ser muito forte e presente no cotidiano das escolas.

O professor deve avaliar o aluno de acordo com a realidade dele, vê se ele realmente aprendeu, sabe ler e escrever, se compreendeu de verdade aquilo que está sendo lido e o que a professora está falando. Caso contrário, deixemos ser levados pelos mitos e costumes tradicionais.

Portanto, não estamos pensando em uma educação de mudanças de atitudes, comportamentos, na qualidade e nem tampouco na participação e atuação na sociedade.

Quem escreveu esses mitos foi Tereza Penna Firme, auscultando os educadores do Brasil e da América Latina, sobretudo na sala de aula. Em forma de artigo, foram publicados na revista Síntese da Fundação Cesgranrio. Cada mito perpassa em forma de comentários, tiveram suas respostas. Ao todo são oito mitos. Vejamos.

Primeiro mito

Os alunos não podem passar de ano sem saber ler.

Resposta

Segundo os críticos ao perceberem o período de leitura na sala de aula, na alfabetização, chegaram a conclusão que, os alunos saberem ler e escrever não se resolverá tudo.

A estrutura da escola não dá a oportunidade ao aluno de desenvolver-se em leitura, ou seja, transformar o pensamento do aluno a partir do exercício da leitura e reflexão, para torná-los críticos.

È necessário ler e compreender o que se leu, além disso associar a leitura a outros fatos do dia-a-dia, saber representar o que leu, comunicar aos demais o sentido dos textos lidos (WERNECK, 2002, pg. 76).

A leitura automaticamente é a questão dos alunos não saberem o que a professora o que o professor perguntou. Por exemplo: dividiremos o número de alunos em apenas dois grupos.

O primeiro recebe uma folha com questões sobre a matéria lecionada e o professor as lê, com entonação correta, uma questão de cada vez. Basta fazer a leitura, não precisa explicar o que se está, de fato, solicitando dos alunos.

O segundo grupo deve receber a mesma folha e responder às questões sem a leitura feita pelo professor. Cada um lerá a sua, em silêncio, dedicando-se, em seguida, a tarefa de dar as respostas.

Conclusão, os alunos de primeiro grupo obtiveram resultados a cima dos alunos do segundo grupo. Na verdade, o segundo não sabe ler. O que importa não é saber ler bem diferente

de repetir uma série de sons que correspondam aos sinais e símbolos estampados na folha de um livro.

A escola necessariamente, precisa proporcionar aos educandos oportunidade para fazer a leitura e, depois, ouvir o que leram, e, então, escreverem, o que leram, a fim de que o professor possa constatar o processo de cada um, interpretar os textos, as distorções, os significados, de determinadas palavras ou expressões.

Segundo mito

Promover todos os alunos tira o estímulo dos mais estudiosos e favorece o desinteresse dos menos estudiosos.

Resposta

Para tal mito, a afirmação só tem acolhido dentro de um pensamento competitivo, em que os educadores pensam a educação, fazendo assim uma concorrência entre os alunos da mesma classe.

Deve-se perceber a necessidade de aprender, independentemente do ato de competir, e a vontade de estudar surge da oportunidade que tiver de ser comparado com outro colega, com o intuito de receber alguma coisa em troca, como um prêmio conforme a classificação.

Portanto, a educação deve promover mudanças, começando pela avaliação que merece ser renovada, repensada e refletida. Todo aluno tem que ter consciência de seu papel na escola e perante a sociedade, deve procurar aprender mais, avançar nos conceitos e nas habilidades, não aprender somente para a competição.

Na verdade, o aluno tem que ser ousado, buscar um desenvolvimento intelectual, afetivo e social, um indivíduo que saiba se comunicar e se relacionar, respeitando as diferenças e semelhanças das outras pessoas. O professor tem sua função de saber avaliar os alunos, para não dá a mesma nota de um estudioso para aquele que é menos estudioso, pois desestimula o que é estudioso.

Terceiro mito

A qualidade do ensino diminui quando todos os alunos são promovidos.

A qualidade do ensino não se dá devido à promoção de todos os alunos, a reprovação faz parte do processo de aprendizagem. A verdade é que, a promoção que o sistema de ensino coloca, no lugar das reprovações, são mecanismos que facilitam a recuperação dos alunos.

A escola que promove todos os alunos sem averiguar, verificar o grau de aprendizagem, ou muitas vezes aprova aquele que deveria ser reprovado, essa escola não está atualizando o seu currículo e programas, nem tampouco os seus objetivos. Toda escola deve estar preocupada com a verdade e utilidade do que se ensina e com a pluralidade do currículo.

Quarto mito

Quando todos os alunos são promovidos acontece que muitos passam de ano sem saber de nada.

Resposta

Em alguns casos, existem alunos que tiram notas excelentes na escola e, quando chegam em casa, alguém se dirige a ele fazendo uma pergunta sobre algum assunto estudado na sala de aula, conclusão, não sabe responder.

Em outros casos, existem alunos que não tiram notas excelentes quanto os outros, mas quando alguém lança uma pergunta para ele, consegue responder com facilidade.

No entanto, os alunos quando avaliados, são perguntados acerca de uma parte do que foi ensinado. Muito foi ensinado, muito foi perguntado na prova. O aluno que foi reprovado na escola, leva consigo algum conhecimento relacionado aos conteúdos ministrados.

Na verdade, reprovar e justificar as reprovações denota incapacidade pedagógica da escola e de seus educadores e, conseqüentemente, uma das piores transferências de responsabilidade.

Quinto mito

Os pais não concordam que seus filhos passem sem saber de nada.

Resposta

Uma atitude coerente é que os filhos passem de ano quando aprendessem todos os assuntos. O que acontece é que os filhos aprendem em níveis diferentes, tem compreensões diversas em relação ao problema, isto está diretamente ligada à inteligência desenvolvida em classe pelo professor.

Os pais quando recebem o boletim escolar não são informados em que aspecto seus filhos foram avaliados. Quando isso acontecesse, é porque faltou a visão interdisciplinar, faltaram análises à luz de temas transversais, recomendados pelos PCNs.

Muitas vezes, acontece de um aluno não ter bom êxito numa escola x, e na outra y ter um bom desenvolvimento. O vai diferenciar é o currículo da escola, a maneira dos professores trabalharem e avaliarem. Cada escola tem a sua forma, essa tem que ser de acordo com a realidade social do aluno.

Podemos analisar através de fatos concretos esse desenvolvimento, a partir do acompanhamento escolar e propriamente dito, em casa, para assim analisar de perto o crescimento psicológico do filho.

Sexto mito

É um bem que se faz ao aluno obrigando-o a repetir a série.

Resposta

Passar o aluno de uma série para outra não deve ser feito somente como uma “ajuda” para ele. Isso não seria correto, essa não é a nossa educação. Seria bom que, a escola ofereça ao educando subsídios para que ele supere as deficiências.

É preciso que, a escola assuma suas tarefas e as transfiram para outros. Quando o aluno chega ao final com deficiência, então, a escola necessariamente precisa verificar o que pode e o que deve oferecer para que o aluno se auto-recupere. Podemos resolver fazendo recuperações.

Fazer bem para o aluno, quando encobre a incompetência da escola, é uma falta de criatividade que desacredita com relação à escola. Por fim, o aluno deve ser direcionado à série seguinte e receber os acompanhamentos necessários dentro do sistema escolar.

Sétimo mito

Quando todos os alunos sabem que vão passar de ano, o professor perde a autoridade.

Resposta

A capacidade do professor está em reter ou não um aluno. A avaliação é usada para manter um autocontrole e uma autoridade até então, inexistente, ou seja, trata-se de uma avaliação punitiva. A autoridade é uma arma, uma ferramenta importante para o domínio em sala de aula.

Portanto, tanto a autoridade quanto a avaliação, juntas fazem a manutenção do processo. Autoridade é estar junto, é saber falar porque sabe ouvir e ouve mais do que fala, permanecendo em todos às circunstâncias, como quem fala o necessário e na hora exata.

Oitavo mito

É importante trabalhar com turmas heterogêneas, em que alguns sabem ler e outros, não.

Resposta

Não existe uma turma que possamos encontrar todos os alunos sabendo ler, porque alguns aprendem mais depressa enquanto outros mais devagar. O problema está muito além da leitura.

Entretanto, a escola atual busca a homogeneidade no que diz respeito ao processo de leitura. Essa luta constante pela homogeneidade dentro da sala de aula, dar-se início com a organização, antecipação e programação do calendário das provas, uma vez feito pela escola com ajuda de todos os segmentos que fazem parte da educação.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

Tipo de estudo

Estudo de caso é uma pesquisa feita no único local. Ela é estudada com bastante profundidade para conhecer melhor a realidade daquele ambiente.

Este trabalho se compõe do estudo de caso e utilizamos esse procedimento ao selecionarmos um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos. (In Matos, pg.45, 2001).

Trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores.

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados. (In Matos, pg. 45, 2001).

Local do estudo

Esse estudo de caso foi aplicado aos alunos da 4ª série do ensino fundamental I, realizado na Escola Estadual Professor Virgílio Pinto, atualmente a escola é composta por 458 alunos, o quadro de professores contém apenas 10 que atuam somente no ensino fundamental I.

A pesquisa será desenvolvido no Bairro Catirinas localizada em Sousa na Paraíba.

População/amostra

Os recursos educacionais que utilizamos para colhermos as informações necessárias para a utilização deste foram: questionário, roteiro de observação e para finalizar, a regência foi ocorrida no período de fevereiro a abril do ano corrente.

Para lograr os objetivos propostos nessa pesquisa, participarão 15 estudantes do ensino fundamental I.

Instrumento

O planejado de uma pesquisa inclui um plano de execução e a elaboração dos instrumentos que serão utilizados na coleta de dados (ANDRADE, 2003). Como instrumento de coleta de dados será utilizado um questionário estruturado.

Segundo Andrade (2003) para elaborar um questionário é indispensável levar em conta que o informante não poderá contar com explicações adicionais do pesquisador. Por esse motivo, as perguntas devem ser muito claras e objetivas. A preferência deve recair sobre o emprego de perguntas fechadas, ou seja, as que pedem respostas curtas e previsíveis.

O questionário será aplicado pelo pesquisador, aos participantes da pesquisa . Ele é composto de seis questões do tipo objetivas.

Coleta de dados

O instrumento será aplicado pelo pesquisador de forma individual em uma sala de aula para que cada participante sinta-se mais a vontade para responder o questionário. Será explicado o objetivo do estudo junto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram coletados em visitas à escola.

2.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ALUNOS

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente trabalho teve como objetivo obter algumas informações no que diz respeito à compreensão da avaliação da aprendizagem.

Primeiro, comunicamos aos dez alunos qual era o tipo de pesquisa que queríamos fazer com eles; posteriormente fomos chamando um por um em uma sala reservada, alguns eram um pouco tímidos, já outros eram desinibidos e por fim foram feitas todas as anotações cabíveis. Não tivemos nenhum tipo de constrangimento, os alunos concordaram voluntariamente em nos ajudar na análise de dados, para assim, ampliar o nosso entendimento sobre a avaliação da aprendizagem e fazer um trabalho com sucesso.

Ao perguntarmos aos alunos 1 e 2 o que eles entendiam sobre a avaliação da aprendizagem, responderam que era uma prova, um teste que o aluno fazia sobre a matéria estudada. No que diz respeito a segunda questão, que foi sobre a forma de como a professora avaliava; disseram que ela avaliava através de provas, trabalho e tarefa valendo pontos.

A terceira questão, pedimos que os alunos citassem quais os tipos de avaliação que a professora costumava utilizar em sala de aula, citaram o seguinte: provas, testes, questionário, trabalho individual e coletivo, e prova pesquisada. A quarta questão, quisemos saber se os alunos estavam satisfeitos com a maneira em que a professora avaliava; a resposta foi sim.

A quinta questão, solicitamos aos alunos que citassem outras formas de avaliação que conheciam. Resposta: Teste de tabuada, pesquisa e trabalho. Por fim, na sexta e última questão, pedimos que eles dissessem se gostariam que a professora mudasse, usasse outras maneiras de avaliar. Resposta: Não, eles estão satisfeitos.

O terceiro aluno ao responder a primeira questão sobre o que entendia por avaliação da aprendizagem; respondeu que era uma prova que ajuda para uma boa na educação. Ao se tratar da segunda questão, pedimos que ele respondesse de que forma a professora avaliava a turma, inclusive ele. Simplesmente a sua resposta foi que a professora avaliava de várias formas, então citou: prova pesquisada, trabalho, teste de texto e tabuada.

A terceira questão foi sobre quais os critérios de avaliação que ela utilizava na sala. Resposta: Prova, trabalho, teste de tabuada e pesquisa.

A quarta questão, perguntamos se ele estava satisfeito com a maneira como a professora trabalhava ou avaliava. A sua resposta foi sim. No que diz respeito à quinta questão, foi referente ao gosto pelas formas em que a professora avaliava. Perguntamos o que ele achava, se gostava da forma como estava sendo avaliado. Resposta: Eu gosto do modo dela trabalhar.

Portanto, a sexta e última questão, pedimos que se possível citasse outras formas de avaliar que ainda não conhecia ou não estudou com sua professora. Resposta: Teste, pesquisa individual, grupal, trabalho de campo e questionário.

A quarta aluna respondeu sobre o que entendia acerca da avaliação da aprendizagem. Disse que era uma prova que não passa e faz de novo. Na segunda questão perguntamos de que forma a professora avaliava os alunos. Resposta: A professora avalia através de prova, trabalho, teste e questionário. A terceira questão foi sobre os critérios de avaliação que a professora utilizava. Resposta: Ela trabalha aplicando questionário, atividades valendo pontos e trabalho.

No que diz respeito a quarta questão sobre se a aluna estava satisfeita com a maneira da professora avaliar ela. Resposta: Eu queria que ela trabalhasse fazendo pesquisa em grupos através de jornais, revistas e manchetes, valendo nota. Na quinta questão perguntamos se ela queria que a professora utilizasse outros meios, formas de avaliação. Resposta: Sim.

Por fim, na última questão solicitamos que a aluna citasse outras formas de avaliar que ela conhecia através de outras professoras, e que poderia ser usadas em sala de aula. Resposta: Queria que fosse pesquisa, questionário e trabalho pesquisado. O quinto aluno respondeu o que ele entendia sobre a avaliação da aprendizagem. Para ele é a forma da professora dá nota ao aluno, quando estudou o assunto que ela ensinou.

A segunda questão diz respeito à forma como a professora avaliava ele. Resposta: A professora faz prova, trabalho em grupo e questionário. A terceira questão foi sobre os critérios de avaliação que ela trabalha em sala de aula. Pedimos que ele citasse todas as maneiras que ela trabalhava. Resposta: Ela faz prova, trabalho individual e grupal e teste de tabuada. A quarta questão, perguntamos se ele estava satisfeito com a maneira da professora avaliar. Resposta: Sim.

A sexta questão, solicitamos que mencionasse outras formas de avaliar que gostaria que a professora trabalhasse em sala. Resposta: Queria que fosse pesquisa, questionário, teste de leitura e prova pesquisada.

A sexta aluna respondeu que a avaliação da aprendizagem era a maneira da professora verificar se o aluno realmente aprendeu o assunto que foi explicado na sala. A segunda questão, pedimos que falasse sobre a forma de como a professora avaliava ela. Resposta: Ela faz prova, trabalho em grupo e questionário. A terceira questão foi sobre os critérios de avaliação que a professora trabalha em sala de aula. Pedimos que ele citasse todas as maneiras que a professora usava. Resposta: Ela faz prova com agente, também trabalho individual e teste de tabuada.

A quarta questão, perguntamos se ele estava satisfeito com a maneira da professora avaliá-lo. Resposta: Não tenho do que reclamar. A quinta questão, pedimos que ele respondesse se gostaria de conhecer através da professora outras formas de avaliação. Resposta: Seria legal. Na última questão solicitamos que mencionasse outras formas de avaliar que ele gostaria que a professora trabalhasse na sala de aula. Resposta: Queria que ela fizesse pesquisa em jornal, revista e prova pesquisada.

A sexta aluna disse que a avaliação da aprendizagem era a maneira da professora vê se o aluno realmente aprendeu o assunto estudado e explicado por ela. A segunda questão, pedimos que falasse sobre a forma de como a professora avaliava os alunos, principalmente ela. Resposta: Ela faz prova, trabalho individual e teste de tabuada. Na terceira questão, ela citou os tipos de avaliação que a sua professora costumava aplicar com a turma. Resposta: Ela faz prova, teste questionário e trabalho. A quarta questão, perguntamos se ela estava gostando da maneira da professora avaliar. Resposta: Eu gosto.

Na penúltima e quinta questão foi sobre a maneira da professora trabalhar em sala, se ela gostava. Resposta: Sim. A última e sexta questão, pedimos que a aluna mencionasse outras formas de avaliar, que ainda não conhecia e que tem vontade de conhecer. Resposta: Eu queria fazer prova pesquisada, pesquisa de grupo teste de tabuada e atividades valendo notas. A sétima e a oitava alunas disseram que a avaliação da aprendizagem é a forma da professora medir o entendimento do aluno. Se ele realmente aprendeu o assunto que foi explicado por ela.

A segunda questão, foi no que diz respeito a maneira como a professora avaliava, ou seja, como ela faz para ter a certeza que o aluno aprendeu a matéria que foi ensinada. Resposta: Ela

aplica prova e trabalho individual. A terceira questão, pedimos que citasse os critérios de avaliação que a professora utilizava na sala de aula. Resposta: Além de prova, ela faz trabalho de grupo, teste de tabuada e leitura.

A quarta questão, perguntamos se elas estavam gostando da maneira que a professora avaliar. Resposta: Não. Queríamos que ela fizesse outras formas de avaliação diferente, porque todas as vezes é a mesma coisa. A quinta questão, perguntamos se gostariam que a professora trabalhasse outras formas de avaliação. Observamos que as duas alunas disseram algo em comum. Resposta: Claro que sim. A última questão, pedimos que citasse outras formas de avaliar que a professora poderia trabalhar com os alunos. Resposta: Seria interessante que ela mandasse agente fazer pesquisa, trabalho em grupo com apresentação, etc.

Por fim, a nona e a décima alunas, responderam que a avaliação da aprendizagem é a maneira da professora verificar de o aluno aprendeu de verdade o assunto estudado na sala. A segunda questão foi sobre a forma como a professora avaliava os alunos. Resposta: Fazemos trabalho individual, prova e teste de tabuada. A terceira questão, pedimos que citasse os critérios de avaliação utilizados por ela. Resposta: Ela faz prova pesquisada, trabalho e pesquisa. A quarta questão, perguntamos se elas estavam satisfeitas com a maneira da professora avaliá-las, ou seja, se gostavam do jeito dela dar nota. Resposta: Disseram que não gostavam muito, sempre era a mesma coisa.

Na quinta questão perguntamos se elas estavam satisfeitas com a forma da professora avaliar a turma. Resposta: Não. Estavam abusadas de vêem sempre as mesmas coisas. Portanto, a última e sexta questão, elas citaram outras formas de avaliar que gostariam que a professora trabalhasse com a turma. Resposta: Questionário, pesquisa, trabalho com apresentações, prova pesquisada, etc. Entretanto, pudemos observar através deste, a qual chegemos a uma conclusão que, a professora desta turma está limitada quanto os aspectos da avaliação da aprendizagem.

Uma minúria dos alunos querem que a docente apresente outras formas de avaliar, pois estão um pouco cansados de vêem a mesma coisa. Os alunos querem se desempenhar melhor e aprender mais, mas falta essa reflexão por parte dela. Os alunos querem mostrar para os outros que gostam de estudar, para aqueles que estão a sua volta, que aprenderam e que não estão interessados somente na nota, querem sim, interagir e se relacionar melhor com os outros e, sobretudo aprender a compartilhar o que foi assimilado.

Precisá-se que a professora reflita melhor a sua prática avaliativa no que diz respeito a sua avaliação, para assim, melhorar o desempenho e a aprendizagem dos alunos. Para que formem pessoas ativas e competentes para atuar na sociedade.

2.3 ANÁLISE DO ESTÁGIO

No primeiro dia de regência, na chegada teve a apresentação para a turma e dissemos qual era o objetivo daquele encontro, como seria o trabalho com os alunos, como também exposição das amostras de todo o material concreto que seria explorado e a disciplina.

No primeiro momento foi aplicada uma dinâmica chamada “o feitiço caiu em cima do feitiçeiro”. Ao aplicá-la os alunos ficaram muitos ansiosos querendo saber o que acontecia no término da dinâmica. No segundo momento, tratamos de trazer o conteúdo planejado e programado, foi explicado por várias vezes e em seguida foi trazido o exercício de fixação.

Neste dia, pedimos que cada aluno viesse à frente da sala para explicar uma questão com o material disponível para melhor compreensão, alguns não se dispuseram a vir, devido a timidez. O assunto ficou a desejar.

No segundo dia, no primeiro momento foi aplicada outra dinâmica chamada “cuidado com o repolho”. Essa tinha um objetivo, cada vez que passava pela mão de um aluno, teria que responder aquilo que estava proposto relacionado ao assunto estudado anteriormente, era uma revisão. Todos participavam com entusiasmo. No segundo momento foi explorado o conteúdo sobre a unidade fundamental: o grama.

No período que estava sendo trazido a matéria os alunos estavam com dificuldades de assimilação, não estavam acompanhando o raciocínio. Tivemos que explicá-lo por várias vezes porque a turma estava prestando atenção a outras coisas. Depois de algum tempo, apliquei o exercício dizendo que poderia resolver com outro colega. Na hora da correção, percebi que muitos não sabiam responder a tais questões, fiquei um pouco preocupante.

No terceiro dia de estágio, foi aplicado o conteúdo programado, pois os alunos durante a dinâmica estavam com brincadeiras e não sabiam separar a hora de estudar do momento de brincar. Foi aplicada uma atividade para ser resolvida na sala de aula e depois daria o visto, era a forma de aquietá-los.

Os alunos estavam atentos, participando da aula e faziam perguntas, pois o material concreto disponível no momento, trazia esclarecimentos para eles, ao ponto de pedirem que passasse outras questões para resolver.

No quarto dia de estágio, o conteúdo trazido chamou muita atenção dos alunos, envolviam-se com bastante entusiasmo para melhor compreensão. Eles foram bastante compreensivos, faziam perguntas e até diziam que a matéria era melhor de compreender do que as outras. Isso me trouxe muita alegria e satisfação.

Nos três últimos encontros, os alunos tiveram a oportunidade de ver outros assuntos que ainda não tinham conhecimento, o tempo foi bastante proveitoso e próximo de chegar ao seu término, para medir o conhecimento dos alunos, foi aplicada uma avaliação para verificar até que ponto houve aprendizagem. Durante a correção da avaliação, pudemos observar que somente duas alunas não alcançaram o nível de aprendizagem que os demais alunos alcançaram.

Portanto, o período da regência foi à parte mais importante para que tivesse uma experiência a mais na sala de aula, como também ela foi um dos complementos para que este trabalho fosse concluído da maneira que foi planejado, com muita dedicação, em dispor do seu tempo; pontualidade, em cumprir com os compromissos; responsabilidade, ao fazer tudo com dedicação, e o compromisso, de executar o que estava determinado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho que teve como tema principal apresentado anteriormente, no primeiro capítulo trouxe contribuições significativas para que alcancemos uma prática avaliativa eficaz, desde os diversos conceitos de avaliação que cada especialista da área ofereceu-nos, para que possamos refletir a prática da ação de acordo com a realidade em especial, cada aluno. Mesmo sabendo que ainda existe uma cultura e uma resistência muito forte, não deixamos de apresentar uma proposta que poderemos chegar a um resultado satisfatório.

Quanto ao segundo capítulo, referente à análise de dados foi uma pesquisa que esclareceu bastante a nossa visão e o conhecimento sobre o assunto pesquisado, uma vez que, nos ajudou na compreensão e na continuidade deste trabalho. Pudemos observar a necessidade que os alunos têm de conhecer outras formas de avaliação, por muitas vezes, não ter a oportunidade que agora estavam tendo e a partir disso, tomar outra atitude diante da realidade que eles estavam vivendo.

A nossa contribuição através deste é que, cada professor tenha consciência do seu papel em sala de aula, despertando-o para uma nova atitude diante do modo de como está sendo avaliado os alunos, naquilo que for necessário se tomar, para que assim, alcancem uma prática avaliativa necessária à realidade de seus alunos.

Desprendendo muitas vezes do comodismo e da forte influência da cultura, a qual caminha lado-a-lado para nos prejudicar e impedir de realizar um trabalho com mais um pouco de dedicação e compromisso com o processo de ensino aprendizagem, com o objetivo de formar novos cidadãos para atuarem com determinação no mercado de trabalho.

A elaboração deste trabalho, nos ajudou a compreender que a reflexão da ação avaliativa é a chave que abre as demais portas para uma prática eficiente, a perseverança, ousadia, a criticidade, enfim.

Durante o período da regência entendemos que é importante trabalhar numa perspectiva construtivista, do abstrato ao concreto, pois ficou comprovado que realmente, o aluno assimila e se concentra melhor o conteúdo, estudando com os recursos metodológicos que por sua vez, facilitam à compreensão, direcionando-os no sentido da construção do conhecimento e do processo de ensino aprendizagem.

Portanto, a nossa força e otimismo é que os professores se desenvolvam da melhor maneira na prática, além do que se possa imaginar, ao desenvolverem sua autoconfiança e, sobretudo, um espírito combativo, competitivo e insistente.

Para que isso realmente seja alcançado, devemos pôr em prática, a reflexão. Exerçemos a vontade dos nossos sonhos e da esperança, não deixemos que nada nos impeça de realizar aquilo que gostamos de fazer e o que temos vontade de realizar. O que importa não é como começou, mas como chegaremos ao fim.

REFERÊNCIAS

- DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa*. São Paulo: Cortez: 1998.
- ESCOLA, Nova. *A revista do professor. Avaliar para ensinar, não para dar notas*. Editora Abril, 2003.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: Mito e desafio. Uma perspectiva construtiva*. Porto Alegre-RS. Educação e realidade. 17º ed. 1995.
- LIMA, Adriana de Oliveira. *Avaliação escolar: julgamento ou construção?* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 5º ed. São Paulo, Cortez, 1997.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Pesquisa Educacional o prazer de conhecer*. Fortaleza: Demócrito Rocha UFCG, 2001.
- PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais. *Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação dialógica: desafios e perspectivas*. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

WERNECK, Hamilton. **A nota prende, a sabedoria liberta.** 3^o ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 125 pg., it.

ANEXOS

ANEXO A

Plano de aula 1

Conteúdos: Números naturais, apresentação do menor número natural, sucessor, antecessor e números consecutivos.

Objetivos:

Apresentar a sucessão infinita dos números naturais;

Demonstrar que todo número natural, exceto o zero, tem um antecessor;

Representar que dois ou mais números seguidos são consecutivos.

Metodologia:

Levar jornais, manchetes e revistas identificando e fazendo recortes, mostrando a presença dos números no nosso dia-a-dia, posteriormente fazer colagem em uma folha de papel.

Exposição do trabalho na sala de aula.

Material:

Jornais, revistas e manchetes;

Papel ofício e cola.

Avaliação: A avaliação se dará mediante ao acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

Plano de aula 2

Conteúdo: Numeração ordinal.

Objetivos:

- . Identificar a ordem, o lugar e a posição através dos números ordinais;
- . Trabalhar o sistema de numeração ordinal.

Metodologia:

- . Pesquisa em jornais do dia, identificando a classificação do campeonato regional do próprio Estado;
- . Construção de um quadro contendo o nome do time, os pontos ganhos, os gols marcados e a classificação.

Recurso:

- . Jornal do dia.

Avaliação:

A avaliação se dará mediante o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

Plano de aula 3

Conteúdo: Operações com números naturais (adição e subtração).

Objetivos:

- . Efetuar operações matemáticas solucionando o problema com a adição;
- . Propor operações matemáticas solucionando o problema com a subtração.

Metodologia:

Apresentação de cartazes com operações (adição e subtração), efetuando-as a partir do material concreto.

Recursos:

- . Cartazes;
- . Embalagens de produtos reciclados variados.

Avaliação:

A avaliação se dará mediante o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

Plano de aula 4

Conteúdo: Unidade fundamental: grama e os múltiplos.

Objetivos:

- . Identificar a unidade fundamental grama através do material concreto;
- . Apresentar os múltiplos da unidade fundamental grama.

Metodologia:

- . Seleção das embalagens (material concreto) a unidade grama e os seus múltiplos.

Recursos:

- . Várias embalagens recicladas de produtos;
- . Folha de ofício.

Avaliação:

A avaliação se dará mediante o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

Plano de aula 5

Conteúdos: Medidas de volume, unidade fundamental: metro cúbico.

Objetivos:

- . Representar a unidade de medida através do espaço ocupado;
- . Apresentar os múltiplos e submúltiplos do metro cúbico.

Metodologia:

Pesquisa sobre algumas atividades humanas nas quais se faz necessário o conhecimento do volume.

Recursos:

- . Garrafas de 2 litros descartáveis com água;
- . Produtos que contenham a unidade de volume.

Avaliação:

A avaliação se dará mediante o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

Plano de aula 6

Conteúdos: Sentenças matemáticas: Expressão com valor desconhecido.

Objetivos:

- . Achar um valor desconhecido em uma sentença matemática;
- . Resolver uma operação através da função inversa.

Metodologia:

- . Aplicação de exercícios que conduza ao aluno a raciocinar;
- . Convocação para que o aluno venha mostrar no quadro como resolveu o exercício.

Recurso:

- . Quadro e giz.

Avaliação:

A avaliação se dará mediante o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

Plano de aula 7

Conteúdos: Números racionais: representação decimal.

Objetivos:

- . Conceituar representado uma fração decimal ou por um número decimal;
- . Mostrar a diferença de frações decimais de frações ordonárias.

Metodologia:

- . Apresentação das aulas com cartazes, embalagens descartáveis e material concreto.

Recurso:

- . Material concreto.

Avaliação:

A avaliação se dará mediante o acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

ANEXO B

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

O que você entende por avaliação da aprendizagem?

De que forma a professora avalia você?

Que critérios de avaliação (s) a professora utiliza?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> provas | <input type="checkbox"/> investigação |
| <input type="checkbox"/> testes | <input type="checkbox"/> trabalho em grupo |
| <input type="checkbox"/> questionário | <input type="checkbox"/> trabalho individual |
| <input type="checkbox"/> seminário | <input type="checkbox"/> prova pesquisada |
| <input type="checkbox"/> pesquisa em grupo | |

Você está satisfeita com a maneira que a professora lhe avalia?

Você gostaria que a professora usasse outras formas de avaliar?

Cite outras formas de avaliar que você conhece?

ANEXO C

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Observar como os alunos se comportam durante as avaliações.

Observar a metodologia da professora e a maneira de aplicar a avaliação.

Identificar o tipo (s) de avaliação (s) aplicada aos alunos.

Verificar a duração da avaliação.